

CONSUMO DE ÁLCOOL NA ADOLESCÊNCIA E RELAÇÕES PARENTAIS

Maria Manuela Pereira

Dissertação de Mestrado em Sociopsicologia da Saúde - 'Consumo de Álcool na Adolescência e Relações Parentais'

Orientador: Pedro Zany Caldeira

Data da defesa: 12/04/ 2003.

O consumo excessivo de álcool é uma prática generalizada e em expansão na sociedade contemporânea. Segundo Mello, Barrias e Breda (2001), verificam-se, actualmente, em Portugal, alterações significativas em relação os hábitos tradicionais de consumo de bebidas alcoólicas:

- Crescente consumo de bebidas alcoólicas pelos jovens.
- Crescente consumo de bebidas alcoólicas destiladas.
- Consumo de novas bebidas.

Durante a infância e a adolescência, o indivíduo é exposto a modelos familiares e culturais de consumo de álcool, através do comportamento dos pais, publicidade e televisão, o que, mais tarde, irá influenciar a tomada de decisão de beber ou de não beber. O adolescente procura novas sensações, como forma de aliviar angústias e ansiedades próprias dessa fase do desenvolvimento, e, ao beber, já não se sente criança. Mas as repercussões do abuso de álcool são imensas: problemas familiares, insucesso escolar, acidentes de viação, quadros de violência e outras doenças (Duarte 1997). 'O álcool está interligado com as principais causas de morte, nomeadamente, com as doenças cardiovasculares e oncológicas, os acidentes, os suicídios, a cirrose hepática' (Pinto 1998, cit. in Mello et al. 2001).

A família é, numa perspectiva sistémica, determinante no desenvolvimento do adolescente, dado que define as primeiras relações sociais e o desenvolvimento da identidade (Eiras 1995). Os pais, por isso, podem influenciar o comportamento do consumo de álcool, pelo exemplo que dão e pelo ambiente na família (Ferreira 2002). Neste sentido, o estudo de Block (1971, cit. in Vaz Serra, Firmino e Matos 1987) demonstra, através de observações longitudinais, que os adultos mais bem ajustados são os que na infância tiveram relações calorosas com o pai e a mãe num ambiente conjugal feliz. Outros estudos demonstraram a importância dos modelos parentais no comportamento dos adolescentes.

Assim, Carvalho (1996) salienta que o sexo feminino tem uma prevalência mais baixa de consumos de álcool do que o sexo masculino. Refere, ainda, que os consumidores de álcool têm tendência a perceberem a relação com os pais como mais autoritária, relativamente aos não consumidores. Gonçalves (1999), numa pesquisa sobre percepções parentais e consumo de drogas em adolescentes, concluiu que baixos índices de autonomia e auto-estima fazem crescer o número de adolescentes consumidores, assim como um índice de controlo e hostilidade baixos significa também um alto número de consumidores. Ao contrário, um índice elevado de afeição e controlo está ligado a um baixo número de consumidores.

Outros trabalhos de investigação demonstram que a qualidade da relação do adolescente com os pais pode constituir um preditor do uso de droga nos jovens. De acordo com Carvalho (1997), os sujeitos que referem relações fortes e positivas com os pais têm tendência a relatar níveis mais baixos de consumo de drogas. E, de igual modo,

O modo como as crianças e adolescentes percebem o comportamento dos seus pais é mais importante para o desenvolvimento da sua personalidade do que o conteúdo do estímulo a que se refere, isto é, o comportamento dos pais propriamente dito. (Schaefer 1965, cit. in Fleming 1993: 146).

Vaz Serra et al. (1987) estudaram a relação entre práticas educativas dos pais e locus de controlo dos filhos, concluindo que há uma maior influência na externalidade do que na internalidade, ou seja uma má atmosfera familiar e uma educação demasiado rigorosa podem produzir uma crença de controlo externo dos reforços, enquanto uma boa atmosfera educativa tem menos influência no controlo interno da situação. A passagem seguinte, de um outro investigador, é instrutiva acerca da linguagem analítica destes problemas:

Quando o reforço é percebido pelo sujeito como seguindo-se a alguma acção sua, mas não estando completamente dependente dessa acção, então, na nossa cultura, é tipicamente percebido como resultado da sorte, do acaso, do destino ou estando sob o controlo do poder dos outros poderosos, ou como imprevisível, dada a grande complexidade de forças que o rodeiam. Quando o acontecimento é interpretado deste modo por um indivíduo, designamos de crença no controlo externo. Se a pessoa percebe que o acontecimento depende de si, do seu próprio comportamento ou das suas características relativamente permanentes, apelidamos de crença no controlo interno. (Barros 1993: 23).

Desta forma, o objectivo da minha investigação foi analisar como se correlaciona o padrão de consumo de álcool dos adolescentes, o seu locus de controlo e a relação pais-filhos.

MATERIAL E MÉTODOS

Constituição da Amostra

O estudo foi realizado numa amostra de alunos do 12º ano de duas Escolas Secundárias, após autorização da Direcção Regional de Educação do Centro e respectivos Conselhos Executivos. Em cada turma, foi pedida a colaboração dos alunos e professores, garantindo o anonimato e a confidencialidade das respostas.

As turmas foram seleccionadas mediante a disponibilidade dos professores. O questionário foi aplicado no mês de Maio de 2002 a 190 alunos. Foram excluídos do estudo os alunos que não se encontravam na aula, nos dias em que o questionário foi aplicado. Os alunos que não tinham ambos os pais vivos não foram contabilizados no tratamento estatístico.

O estudo recaiu, assim, sobre 184 alunos (61,4% do género feminino e 38,6% do género masculino). As idades variavam entre os 16 e 22 anos, com uma média de 18 anos.

Relativamente ao contexto familiar desta amostra, o pai tem entre 36 e 71 anos, com a média de 47,55 anos. A mãe tem entre 33 e os 76 anos, com a média de 45,08 anos. A maioria dos pais situa-se na categoria profissional especialistas das profissões intelectuais e científicas.

Instrumentos de Medida

Os instrumentos de medida utilizados avaliam o padrão de consumo de álcool, as relações pais-filhos e o locus de controlo.

- Questionário de Caracterização de Hábitos de Bebida (Duarte 1997), que permite a recolha de dados relativamente a variáveis demográficas, história e desenvolvimento de hábitos de consumo individual e familiar. As questões incidem sobre a frequência e quantidade de consumo.
- Questionário de Relações Pais-Filhos, de Bastin e Delrez (1976), adaptado por Vaz Serra e colaboradores (1987), constituído por sessenta e três questões (28 respeitantes ao pai, 27 à mãe e oito para as questões gerais). Este está construído de forma que quanto mais alta a pontuação obtida, maior a qualidade da relação. Neste estudo, não foram encontrados os sete factores para a mãe e os sete factores para o pai, de acordo com Vaz Serra et al. (1987). Para o pai, foram encontrados três factores: Tolerância/Dominância, Aceitação/Rejeição e Autonomia/Sobreprotecção. Para a mãe, foram encontrados três factores: Tolerância/Dominância Aceitação/Rejeição e Apiciativa/Inferiorizante. No caso, finalmente, das questões gerais e de acordo com Vaz Serra et al. (1987), foram encontrados dois factores: Consistência/Inconsistência e Comunhão de ideias e sentimentos.
- Escala de Locus de Controlo, de Rotter (1966), adaptada por Barros (1993), para avaliar o locus de controlo (externalidade). Apresenta vinte e nove itens (em que cada um tem a cotação de um ponto) dos quais vinte e três são contáveis e seis são de despistamento.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Padrão de Consumo

A idade de início de consumo é, em média, os 10 anos, 88,6% dos adolescentes consomem bebidas alcoólicas e destes 55,2% já se embriagaram, situando-se a média de início de consumo regular aos 15 e 16 anos e a primeira embriaguez aos 16 anos.

O padrão de consumo de álcool difere quanto ao género (Quadro 1), sendo o género masculino o que apresenta o padrão de consumo mais elevado: consumidores moderados/excessivos (26,9%). No entanto, o género feminino tem maior percentagem de não consumidores (14,2%), consumidores ocasionais (31%) e consumidores ligeiros (47,8%).

Relativamente à quantidade de consumos, 43,6% dos adolescentes consomem 2 a 3 bebidas. O local de início de consumos é em bares (51,5%) e em casa (23,4 %).

Verifica-se ainda que 57,8% desencadearam os consumos por iniciativa própria, 22,3% entusiasmado por amigos e 19,9% por influência dos familiares.

De salientar que 43,5% dos avós são alcoólicos e que 76,1% dos familiares consomem pelo menos uma bebida alcoólica.

Quadro 1. Distribuição da amostra mediante o padrão de consumos por sexo (n=184)

PADRÃO DE CONSUMO	SEXO MASCULINO		SEXO FEMININO		TOTAL	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Não consumidores	5	7,0	16	14,2	21	11,4
Ocasionais	18	25,4	35	31,0	53	28,8
Ligeiros	29	40,8	54	47,8	83	45,1
Moderados/Excessivos	19	26,9	8	7,1	27	14,7

O Quadro 2 demonstra uma correlação significativa entre o padrão de consumo dos inquiridos e o padrão de consumo dos avós, ou seja, os adolescentes cujos avós têm um padrão de consumo elevado tendem a ser mais consumidores de bebidas alcoólicas ($\tau=0,29$; $p=0,015$).

Quadro 2. Relação entre o padrão de consumo diário dos avós e o padrão de consumo dos adolescentes

	PADRÃO DE CONSUMO DOS AVÓS	
	τ	sig.
PADRÃO DE CONSUMO DOS ADOLESCENTES	0.29	0.015

Relação Pais-Filhos

A influência das relações Pais-Filhos tem lugar no padrão de consumo de álcool, nomeadamente, nas dimensões Tolerância/Dominância, Apreciativa/Inferiorizante, Consistência/Inconsistência, Questionário geral e Questionário total. Os resultados referentes ao Questionário Pais-Filhos Total, Questionário Geral, Pai Total e Mãe Total foram obtidos através de um programa de cotação automática da escala.

Na estatística descritiva das sub-escalas das relações pais-filhos, como se pode constatar no Quadro 3, optou-se por comparar os resultados encontrados neste estudo com os resultados obtidos por Vaz Serra et al. (1987). A análise constata diferenças significativas nos Factores Paternos, Factores Maternos, Factores Gerais, Questionário Pais-Filhos Total e Mãe Total, comparativamente ao observado por Vaz Serra et al. (1987).

Relativamente ao Questionário Geral e ao Pai Total, não se verificam diferenças significativas.

Quadro 3. Comparação da estatística descritiva das subescalas do Questionário de Relações Pais-Filhos

SUBESCALAS DO Q.R.P.E.	AMOSTRA EM TUDO		VAZ SERRA (1987)		Sig. da diferença
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	
Pai: Tolerância/Dominância	10,0859	2,4872	10,46	3,66	0,043
Pai: Aceitação/Rejeição	6,6014	2,3559	7,01	3,44	0,020
Pai: Autonomia/Sobreprotecção	3,8942	0,7944	3,07	1,29	0,000
Mãe: Aceitação/Rejeição	4,1379	1,2931	8,45	3,15	0,000
Mãe: Apreciativa/Inferiorizante	2,5393	0,8994	5,24	1,25	0,000
Mãe: Tolerância/Dominância	5,1866	1,3395	6,86	2,96	0,000
Factores gerais: Comunhão de ideias e sentimentos	5,4033	1,4402	6,68	2,69	0,000
Factores gerais: Consistência/Inconsistência	5,2371	1,1529	4,73	1,57	0,000
Questionário Pais-Filhos – Total	92,8967	20,4056	89,75	17,50	0,038
Questionário Geral	11,3533	3,3714	11,41	3,34	0,820
Pai Total	43,0924	31,8942	39,53	9,45	0,131
Mãe Total	40,6359	8,9561	38,81	8,27	0,006

Segundo o Quadro 4, existe relação significativa entre o ambiente familiar geral ($\chi^2=13,72$, $p=0,03$) e o padrão de consumo. Comparando o valor das ordenações médias nos diferentes grupos, pode dizer-se que os não consumidores tendem a apresentar melhor ambiente familiar geral e, por outro lado, que os consumidores moderados/excessivos tendem a apresentar pior ambiente familiar.

Quadro 4. Relação entre o padrão de consumo e as relações pais/filhos

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	NÃO CONSUMIDORES	CONSUMIDORES OCASIONAIS	CONSUMIDORES LIGEIOS	CONSUMIDORES MODERADOS/ EXCESSIVOS	χ^2	SIG.
Questionário pais-filhos	98,40	100,49	91,75	73,74	4,914	0,178
Questionário geral	109,93	104,24	90,36	62,50	13,721	0,003
Pai total	87,21	98,76	92,33	84,85	1,500	0,682
Mãe total	108,07	96,76	91,26	75,83	4,836	0,184
Mãe: Tolerância/Dominância	114,67	92,81	89,36	84,30	5,182	0,159
Mãe: Aceitação/Rejeição	90,74	91,99	93,05	93,17	0,043	0,998
Mãe: Apreciativa/Inferiorizante	71,93	88,97	97,78	99,19	5,934	0,115
Pai: Tolerância/Dominância	81,84	103,05	92,87	79,11	5,001	0,172
Pai: Aceitação/Rejeição	95,52	87,89	93,41	96,80	0,710	0,871
Pai: Autonomia/Sobreprotecção	86,24	89,58	95,77	93,04	1,393	0,707
Gerats: Comunhão de ideias e sentimentos	103,43	93,90	93,89	76,98	3,607	0,307
Gerats: Consistência/Inconsistência	96,48	107,08	85,62	81,93	7,500	0,058

Na comparação entre os não consumidores e os consumidores ligeiros, verifica-se que só existem diferenças significativas em relação à Mãe: Apreciativa/Inferiorizante ($U=630$, $p=0,026$) e Tolerância/Dominância ($U=633$, $p=0,039$). Comparando os valores das ordenações médias no Quadro 5, pode afirmar-se que as mães dos não consumidores tendem a ser mais tolerantes e menos apreciativas.

Quadro 5. Comparação da relação pais/filhos em função do padrão de consumo (não consumidores vs. consumidores ligeiros)

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	NÃO CONSUMIDORES (ORDENAÇÕES MÉDIAS)	CONSUMIDORES LIGEIOS (ORDENAÇÕES MÉDIAS)	U	SIG.
Mãe: Apreciativa/Inferiorizante	41,00	55,41	630,000	0,026
Mãe: Tolerância/Dominância	63,86	49,63	633,000	0,039

Na análise comparada entre não consumidores e consumidores moderados/excessivos, verificam-se diferenças significativas no Questionário geral ($U=144$; $p=0,004$) e para os seguintes factores da Mãe: Total ($U=172,500$; $p=0,021$), Apreciativa/Inferiorizante ($U=202$; $p=0,043$) e Tolerância/Dominância ($U=183,500$; $p=0,025$). Comparando os valores das ordenações médias, no Quadro 6, os adolescentes não consumidores tendem a evidenciar melhor ambiente familiar, melhor relação com a mãe, sendo as mães menos apreciativas e mais tolerantes.

Quadro 6. Comparação da relação pais/filhos em função do padrão de consumo (não consumidores vs. consumidores moderados/excessivos)

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	NÃO CONSUMIDORES (ORDENAÇÕES MÉDIAS)	CONSUMIDORES MODERADOS/ EXCESSIVOS (ORDENAÇÕES MÉDIAS)	U	SIG.
Questionário geral	31,14	19,33	144,000	0,004
Mãe total	29,79	20,39	172,500	0,021
Mãe: Apreciativa/ Inferiorizante	20,62	27,52	202,000	0,043
Mãe: Tolerância/ Dominância	29,26	20,80	183,500	0,025

Na comparação entre os consumidores ocasionais e consumidores moderados/excessivos, encontram-se diferenças significativas nos seguintes factores: Questionário Pais-Filhos Total ($U=505,500$; $p=0,033$), para o Questionário Geral: ($U=401,500$; $p=0,001$), Pai: Tolerância/Dominância ($U=523$; $p=0,042$) e no Factor Geral: Consistência/Inconsistência ($U=524,500$; $p=0,031$).

Analisando, agora, os valores das ordenações médias, referidos no Quadro 7, podemos concluir que os consumidores ocasionais têm melhor relação com os pais, melhor ambiente familiar, pais mais tolerantes e mais consistentes do que os consumidores moderados/excessivos.

Quadro 7. Comparação da relação pais/filhos em função do padrão de consumo (consumidores ocasionais vs. consumidores moderados/excessivos)

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	CONSUMIDORES OCASIONAIS (ORDENAÇÕES MÉDIAS)	CONSUMIDORES MODERADOS/EXCESSIVOS (ORDENAÇÕES MÉDIAS)	U	SIG.
Questionário pais-filhos Total	44,46	32,72	505,500	0,033
Questionário geral	46,42	28,87	401,500	0,001
Pai: Tolerância/Dominância	44,13	33,37	523,000	0,042
Factor Geral: Consistência/Inconsistência	44,10	33,43	524,500	0,031

Os resultados obtidos para os consumidores ligeiros e para os consumidores moderados/excessivos, comparados no Quadro 8, testemunham diferenças significativas ao nível do Questionário Geral ($U=764,000$; $p=0,013$). Da análise das ordenações médias, conclui-se que os consumidores ligeiros evidenciam melhores relações pais/filhos do que os consumidores moderados/excessivos.

Quadro 8. Comparação da relação pais/filhos em função do padrão de consumo (consumidores ligeiros vs. consumidores moderados/excessivos)

VARIÁVEL INDEPENDENTE	CONSUMIDORES LIGEIOS	CONSUMIDORES MODERADOS/EXCESSIVOS	U	SIG.
Questionário Geral	59,80	42,30	764,000	0,013

Locus de Controlo

A média de externalidade é de 12,14%, pelo que se considera como internos os adolescentes que tiveram pontuações igual ou inferior a 12 e como externos os que obtiveram pontuações superior a 12. Deste modo pode verificar-se, segundo o Quadro 9, que 57,1% dos adolescentes apresentam locus de controlo interno e que os restantes 42,9% apresentam um locus de controlo externo, sendo o género masculino (62%) mais interno e o género feminino mais externo (46%).

Quadro 9. Estatística descritiva da escala de Locus de Controlo por sexo

LOCUS DE CONTROLO	SEXO MASCULINO		SEXO FEMININO		TOTAL	
	N °	%	N °	%	N °	%
Internos	44	62%	61	54%	105	57,1
Externos	27	38%	52	46%	79	42,9
Total	71	100%	113	100%	184	100,0

O estudo da relação pais-filhos e do locus de controlo revelou que apenas a relação com os pais no geral, e com pai, em particular, influencia significativamente o locus de controlo. Analisando os resultados apresentados no Quadro 10, pode concluir-se que os adolescentes que apresentam locus de controlo interno evidenciam melhor relação com os pais em geral e melhor relação com o pai, sendo este mais tolerante mas com menor aceitação.

Quadro 10. Comparação da relação pais/filhos em função do locus de controlo

LOCUS DE CONTROLO VARIÁVEIS INDEPENDENTES	INTERNO (ORDENAÇÕES MÉDIAS)	EXTERNO (ORDENAÇÕES MÉDIAS)	U	SIG.
Questionário pais-filhos Total	98,94	83,94	3471,000	0,058
Pai total	100,2	81,0	3263,000	0,013
Pai: Tolerância/Dominância	102,5	79,1	3113,500	0,003
Pai: Aceitação/Rejeição	85,3	101,36	3447,500	0,049

Estatisticamente, através do teste de regressão, verifica-se ainda que o padrão de consumo de álcool nos adolescentes aumenta com a inconsistência das relações familiares e com as atitudes inferiorizantes da mãe (com R^2 respectivamente de 0,032 e 0,056, ambos com $p < 0,05$).

CONCLUSÃO

Os resultados dos testes de hipóteses revelam diferenças no padrão de consumo de álcool dos adolescentes, no que respeita ao género, à relação pais-filhos e ao padrão diário de consumo de álcool dos avós. Revelam ainda que o padrão de consumo não se associa com a externalidade, mas que uma boa relação pais-filhos contribui para a internalidade.

O padrão de consumo de álcool nos adolescentes é elevado e difere quanto ao gênero, sendo o gênero masculino o que apresenta consumos mais elevados.

No que respeita às relações pais-filhos, verifica-se que:

- Não há diferença significativa entre o grupo dos consumidores ocasionais e o grupo dos não consumidores, relativamente à percepção da relação pais-filhos.
- As mães dos adolescentes não consumidores tendem a ser menos apreciativas e mais tolerantes do que as mães dos consumidores ligeiros.
- Os adolescentes não consumidores tendem a apresentar melhor ambiente familiar geral, melhor relação com a mãe, sendo a mãe mais tolerante e menos apreciativa do que no caso dos consumidores moderados ou excessivos.
- Os consumidores ocasionais têm melhor relação com os pais, melhor ambiente familiar, pais mais tolerantes e mais consistentes do que os adolescentes consumidores moderados/excessivos
- Os consumidores ligeiros evidenciam melhores relações pais/filhos do que os consumidores moderados/excessivos.
- A consistência das relações dos pais, de um modo geral, e as atitudes apreciativas das mães, de um modo particular, têm influencia no padrão de consumo.

Em suma, os adolescentes que percebem os pais como mais tolerantes, referem melhor ambiente familiar e pais mais consistentes têm tendência a consumir menos álcool e a serem mais internos.

Não se verifica, por outro lado, a associação entre antecedentes familiares alcoólicos e consumos elevados dos adolescentes, mas verifica-se a associação entre padrão diário de consumos elevados dos avós e consumos elevados dos adolescentes.

Este estudo apresenta algumas limitações, dado que o instrumento de avaliação das relações pais-filhos foi aplicado a um pequeno grupo de adolescentes e poderia ser complementado com a percepção da relação por parte dos pais.

O presente estudo permite reforçar, porém, as perspectivas avançadas por vários estudos científicos que atribuem à família um papel importante no desenvolvimento do indivíduo, nomeadamente, na adoção e promoção de estilos de vida saudáveis, no sentido de o adolescente não procurar o consumo de álcool ou outras substâncias que provoquem dependência.

Os hábitos adquiridos na adolescência podem afectar a saúde e determinar os padrões de consumo a longo prazo. Por isso, se deverão impor não só medidas, no âmbito das políticas de promoção, educação e informação, sobretudo nas escolas, em relação aos pais e adolescentes, mas também medidas limitativas ao consumo de álcool. Neste contexto, é importante desenvolver acções preventivas orientadas para a informação e formação dos jovens, habilitando-os a tomar decisões conscientes, no sentido de evitar consumos inadequados de álcool. O envolvimento dos pais, professores e comunidade em geral é uma prioridade para obter mudanças de comportamento.

REFERÊNCIAS

- Barros, J. H; Barros, A. M; Neto, F.
1993 *Psicologia do Controlo Pessoal*. Braga: Universidade do Minho.
- Carvalho, S.
1996 'A Importância dos Factores Cognitivos no Consumo Excessivo de Álcool'. *Psiquiatria Clínica*, 2. pp.226-28.
- Carvalho, J. N.
1997 'Diferenças nas Influências Familiares em Adolescentes Consumidores de Álcool e Cannabis'. *Toxicoddependência*, 3 (1): pp.37-43.
- Duarte, F.
1997 'Consumo de Álcool: Do Uso à Dependência'. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Eiras, M.
1995 'Adolescência e Família'. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Ferreira, L. M.
2002 'Bebidas Alcoólicas e Adolescentes Escolares: Estudo de Caracterização dos Hábitos e Crenças no Concelho de Castro Daire'. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.
- Fleming, M.
1993 *Adolescência e Autonomia*. Porto: Edições Afrontamento.
- Gonçalves, A. M.
1999 'Uma Contribuição para o Estudo das Percepções Parentais e o Consumo de Drogas em Jovens com Idades entre os 13 e os 15 Anos'. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.
- Mello, M.; Barrias, J; Breda, J.
2001 *Álcool e Problemas Ligados ao Álcool em Portugal*. Lisboa: Direcção Geral da Saúde.
- Serra, A. Vaz; Firmino, H; Matos, A. P.
1987 'Relações Pais-Filhos: Alguns Dados sobre as Dimensões Subjacentes'. *Psiquiatria Clínica*, 8 (3). pp.127-36.